

AS DIVERSAS FACES DE RITA LEE¹

Daniel Pinho Senos de Jesus,² Rio de Janeiro

danielsenos@gmail.com

Rita Lee foi daquelas artistas com as quais é impossível não ter algum grau de contato e, conseqüentemente, não sentir o impacto de suas provocações, experimentações e polêmicas. Em uma bela homenagem da GloboNews para a artista, na qual vários colegas relataram seus encontros com ela, Arthur Dapieve destaca a importância de Rita Lee para a música brasileira e a situa no mesmo patamar de artistas como Chiquinha Gonzaga e David Bowie. Tendo a concordar com Dapieve; tantas Ritas conviveram entre nós em diversos momentos de nossas vidas, que é impossível dimensionar de maneira justa a mudança que sua obra trouxe não apenas para a cultura brasileira, mas também para o cenário musical mundial. Assim como sua postura assertiva em sua própria carreira, que, diferentemente de diversos artistas, nunca se acuou diante da repressão do regime militar ou das possibilidades de trabalhar em veículos de comunicação de massa, fato por vezes visto como algo errôneo pela crítica musical, composta por uma aristocracia intelectual que trabalha para a manutenção do *status quo* do que entendem como arte. Desde muito jovem defendeu a pauta feminista e participou de embates que abriram caminhos para as mulheres dentro do verdadeiro clube do Bolinha que era o cenário do rock da época, mas também ampliaram o envolvimento ativo das mulheres na vida cultural.

Rita colecionou experimentações, ousadias, atitudes de vanguarda. Fez uma apresentação icônica vestida de noiva no auge da ditadura, quando integra os Mutantes, banda da qual participou do período mais profícuo e de que, posteriormente, seria expulsa pelos paladinos do rock progressivo sob alegações que escamoteiam arrogância e machismo. A resposta de Rita Lee foi triunfante, com uma genial carreira solo de sucesso estrondoso, com mais de 30 álbuns e músicas que passeiam entre o pop, o rock, a bossa-nova e o bolero.

Marcada sempre pela irreverência e espontaneidade, ainda teve tempo de travar uma improvável e bela amizade com a grande Elis Regina, que havia sido uma das líderes da Marcha contra a Guitarra Elétrica, e de emplacar suas músicas nas trilhas sonoras das novelas da época. Teve diversas participações

1 Texto gentilmente cedido pelo *Observatório Psicanalítico* (Febrapsi) para publicação na *Ide*.

2 Psicólogo, doutor em Psicologia Clínica pela PUC-Rio, mestre em Teoria Psicanalítica pela UFRJ, especialista em Psicologia Clínica com Crianças pela PUC-Rio, professor e supervisor clínico do curso de Pós-Graduação em Psicologia Clínica com Crianças, membro do Laboratório de Pesquisa em Constituição Psíquica e Clínica Psicanalítica (LABPSI), membro provisório da SBPRJ. ORCID: 0000-0001-8476-9498.

na televisão, como no programa *Saia justa*, tornou-se *influencer* antes de o termo estar na moda, colecionando postagens e tuítes muito bem-humorados, como “Peguem seus otimismo e sumam d perto d mim. Hj eu tô em crise” e “Já disse e repito: não me levem a sério, sou falsa, manipuladora, mentirosa e filha da puta. Escrevo o q me vem na cabeça, só futilidades”. Também arran-
jou tempo para se dedicar ao ativismo animal e escrever vários livros, desde autobiografias até obras dedicadas às crianças.

Em meio a tantas Ritas com quem tivemos contato, acredito que cada um de nós guarde em si uma parte dela que remeta a algum momento de vida em particular. Retomo a afirmativa de Dapieve; se Chiquinha Gonzaga fez uma ponte determinante entre a cultura das ruas e a dos engravatados abastados da época, Rita Lee despertava afetos e desafetos por onde passava, conquistando reconhecimento entre os amantes do rock e os aficionados pelas novelas da Globo, mas também ganhando o amor da comunidade artística mundial pelo seu trabalho com os Mutantes e em carreira individual. E, se pensarmos em David Bowie, também temos a dimensão camaleônica presente em Rita, maleável, que se infiltra e adota formas improváveis, mas que se comunicam intimamente com as diversas camadas que compõem a nossa sociedade.

De minha parte, guardo com muito carinho as lembranças de Rita cantando nas manhãs dominicais de minha casa, capitaneadas pela minha mãe, grande fã de rock progressivo e dos Mutantes, preferencialmente alto e bom som. A voz melodiosa e envolvente, junto à guitarra tresloucada de Sérgio Dias e as psicodélicas teclas de Arnaldo Baptista, faz parte de momentos afetivos que carrego com imenso carinho dentro de mim, dentro da atmosfera circense e bem-humorada que ela trazia para o contexto musical da banda. Rita segue sendo, para mim, um infindável espectro de possibilidades e um lembrete de que a luta diária necessita, além da coragem e ousadia, boas doses de bom humor. Finalizo com dois tuítes postados por ela em 2013: “E eu lá sou mulher de fazer backup? Perdi tudo, foda-se eu” e “Vc nem imagina a imensidão do quanto estou pouco me fudendo para o que dizem. A vida é curta e eu, grossa”.